CONFIDENCIAL

TL 6450

Minhas Senhoras, meus senhores e caríssimos amigos aqui presentes.

Antes de mais quero agradecer à Comissão Organizadora da 4ª Consulta Cristã sobre Timor-Leste que me concederam a oportunidade para apresentar o meu depoimento e quero também agradecer a amabilidade de todos aqui presentes em escutar-me.

Chamo-me Beatriz Maria de Fátima Joaquim Sarmento, natural de Timor e actualmente residente em Lacém. Sou viúva de um dos comandantes das Falintil morto em consequência de torturas que os militares indonésios lhe infligiram após a sua captura em Turiscai e posteriormente levado para Maubisse onde veio a falecer.

Com vista a esclarecer a opinião daqueles que lutam pela defesa dos Direitos Humanos, disponho-me a narrar tudo aquilo que vi e a que fui submetida:

- Pelas 17 horas do dia 2 de Fevereiro de 1977, apareceu em minha casa uma viatura militar de KORAMIL com ordens para me prender. Uns dias antes, mais propriamente no dia 29 de Janeiro de 1977, a minha irmã Goretti tinha sido presa pela polícia política. Nessa altura, o meu filho mais novo tinha 6 (seis) meses e ainda mamava. O mais velho tinha 2 (dois) anos. Quando me deram ordem de prisão e me levaram, retiraram bruscamente do meu seio o miúdo que ainda mamava e chorava. Minha mãe e o meu filho mais velho acompanharam-me até a sede do Koramil de Dili Oriental onde já lá estavam 4 (quatro) presos. Nessa mesma noite, fui escoltada em companhia dos 4 presos à sede da polícia política (INTEL) no edifício de Sang Tai Hoó onde iria ser submetida ao inquérito que, devido à ausência do seu comandante **[redacted]** P. Shiombing, foi dirigido por um seu oficial subalterno tendo como intérprete um timorense de nome Francisco Benevides que também estava preso devido a conotações políticas com a Fretilin.

Para me assustar eles tinham cuidadosamente arruma-
do em cima da mesa vários objectos de tortura tais como
chicotes, palmatória, cassetetes, paus, pés de cadeira,
fios eléctricos para choques, cigarros para queimar a
carne humana, fósforos e mais outros.
Fui então submetida ao inquérito onde me acusaram
de que eu mantinha contactos com o meu marido no
mato, facto que eu sempre neguei porque não tinha
contactos com ele e nem sabia onde ele estava.
Devido a ausência desse tal comandante o inquérito
foi adiado. Contudo mantiveram-me presa em Sang
Tai Hoó. Depois do ~~in~~quérito deram-me de comer
num prato imundo que eu recusei.
Trouxeram então a minha irmã Maria Goretti que
vinha cheia de marcas deixados pelos objectos de
tortura. A pele dela estava cheia de sangue coagula-
do; havia inúmeras marcas de cigarros acesos que
os indonésios apagavam na sua carne como se
tratasse de um cinzeiro. E ameaçaram-me dizendo:
"Se não disseres a verdade irás ser mimoseada
com os mesmos tratamentos que ela".
No dia seguinte (3.II.77) pelas 19 horas fomos leva-
das, eu, a minha irmã Maria Goretti e uma outra
da mesma idade que eu, de nome Maria da Silva,
para a cadeia de Comarca. Lá fomos revistadas
dos pés à cabeça e metidas depois numa cela
escura com portas de ferro onde mal cabia uma
pessoa. Na cela não havia sequer um catre. Era
apenas o chão nú, as quatro paredes, o tecto, as grades
de ferro lá no alto da parede, as portas também
de ferro com um orifício minúsculo no meio. Contudo,
antes de entrarmos as três para a cela ainda reconhe-
ci algumas prisioneiras que estavam na varanda.
Eram elas: D. Elda Saldanha, D. Maria Pereira,
falecida, depois de libertada, devido a maus tratos
de que foi vítima na prisão, D. Maria Montalvão,

D. Rosita, falecida por tuberculose causada por maus tratos sofridos durante a prisão. Fomos inquilinas da cela durante uma semana onde só nos davam uma refeição por dia e onde só nos retiravam da parte de manhã para tomar banho. Os pratos eram de alumínio muito sujo e continham uma conchinha de arroz e algumas folhas de mandioca como molho.
Depois desta semana fomos recambiadas para Sang Tai Hoó, pois o comandante havia chegado de Jakarta.
Em Sang Tai Hoó estavam para cima de 30 prisioneiros de ambos os sexos que também aguardavam pelo inquérito. Reconheci algumas como o Sr. Maurício Pereira e mulher, D. Lídia Mota, D. Mimi Lebre (mãe do camarada César Mau Laca). Na impossibilidade de me interrogarem naquele dia, fui levada para casa para tirar fotografias com os meus 2 filhos a fim de os militares as lançarem, de helicóptero/avião para o mato juntamente com os outros panfletos propagandísticos. Isto foi o que eles me disseram.
Depois disto fui novamente inquirida mas como não encontraram nenhuma prova de culpabilidade contra mim fui libertada dos inquéritos, continuando na prisão. Contudo, durante uns dias, eu fui autorizada ir à casa para amamentar o meu filho e voltava à tarde para Sang Tai Hoó.
Entretanto, para evitarem a minha constante ida à casa resolveram autorizar levar o meu filho para junto de mim na prisão de Sang Tai Hoó. Após 6 dias, à meia noite, o meu filho foi atacado por uma pneumonia causado pelo frio do chão que nos servia de cama. Insistiram levá-lo ao hospital, mas contrariei a ideia, com medo de que iriam causar algum mal podendo até perder a vida do meu filho; resolvi levá-lo só à casa entregando aos cuidados do meu pai que era também enfermeiro.
Por falta de provas fui libertada da prisão depois

de um mês em Sang Tai Hcó. A minha irmã Maria Goretti só foi libertada após a Amnistia do Presidente Soeharto para um ano mais tarde, isto é, em 11 de Março de 1979. Ela foi novamente presa juntamente com o meu tio Leopoldo (capturado na altura da Amnistia do Presidente) e os dois foram levados de helicóptero para Baucau onde depois foram massacrados.

— Não fui fisicamente torturada, mas vi muitos compatriotas serem torturados. Vi prisioneiros serem queimados com cigarros, agredidos brutalmente em todas as partes do corpo, com pés de cadeiras, cassetetes, chicotes. Vi presos com os dedos dos pés inchados e sem unhas devido a pressão que faziam com os pés das cadeiras ou mesas durante o inquérito. Vi presos com as peles todas embruxadas devido a golpes de facas que os inquisidores faziam, etc...

— Em Janeiro de 1979, quando se deu a captura do meu marido, então guarda-costa do Cda. Presidente Nicolau Lobato, em Turiscai, ele foi levado seguidamente de helicóptero para Maubisse, depois de um dia intenso de inquéritos acompanhado de maus tratos foi então massacrado.

Dado este acontecimento, fui novamente levada a INTEL para mais inquéritos baseado numa fotografia que se encontrava com o meu marido; no entanto, libertaram-me porque a minha irmã Maria Goretti, adiantou-se a declarar que foi ela quem tinha remetido a referida fotografia para o mato.

— Quero salientar que até o momento o meu velho pai ainda se encontra num estado anormal. Esta situação foi agravado pelas constantes repressões à nossa família, principalmente eu, a minha mãe e a minha irmã Maria Goretti e pelo facto da morte da minha irmã, em Baucau, no ano de 1979.

Apesar do estado em que se encontrava o meu Pai,

foi várias vezes capturado secretamente nas ruas ou lojas de fotocópias e consequentemente torturado. Em 3 de Agosto de 1986, num Domingo, quando estava tirando umas fotocópias, foi apanhado pela polícia política (INTEL) e levado à uma das prisões de boinas vermelhas sita em Colmera (Dili); depois à outra, ao lado do antigo Museu (actual KODIM) e daí para a Comarca, donde foi forçado a fazer, perante os prisioneiros, "cross", flexões, a rastejar e ao mesmo tempo, foi agredido com pontapés.

Não obstante, quero apelar à todos quantos estão presentes, amigos defensores dos Direitos Humanos, com vista a uma possível paz em Timor-Leste, a nossa querida e martirizada terra, que até o momento os indonésios continuam persistentemente a praticar tais formas de agressões para com os outros irmãos Timorenses, havendo ainda formas piores como nos têm acontecido, mas que por motivos de limitação de comunicações (refiro no interior da ilha) não são possíveis fazer ouvir as suas vozes.

Hoje, estou aqui, faço parte de um todo que sofreu, sofre e continua a sofrer e que quer que os seus clamores sejam ouvidos.

Realmente é doloroso, é penoso, é lamentável falar de novo do sofrimento tão amargo que eu vivi. Além de toda a tragédia que tinha passado na nossa família, como acima descritas, fui sujeita aos caprichos do maior corrupto, assassino indonésio, Major, Engenheiro Azis: fui forçosamente violada em 1979 por ele constantemente perseguida sob ameaças para atender os mesmos caprichos.

Em 1979, na prisão de Sang Tai Hoó, a minha irmã Maria Goretti foi brutalmente violada pelo comandante da prisão de então, Capitão S.T. Sihombing.

Foi insuportável o meu sofrimento; fartei-me de chorar como tantos outros meus compatriotas que ainda continuam a chorar. E hoje, se não choro é por uma simples razão:

"Secaram-me as lágrimas".

- Espero que o meu depoimento venha contribuir para a eficácia da defesa dos nossos direitos.
- Espero que os grupos solidários para com o nosso povo, se intensifiquem nas suas acções, procurando soluções viáveis, na medida do possível, de modo que possa contribuir para superar a dor do nosso povo que vem arrastando há 12 anos.
- Espero que os nossos amigos e grupos solidários para com o nosso povo, façam sentir junto dos Vossos governos a necessidade urgente de apoiar o nosso povo, uma vez que, segundo me parece, eles estão mais interessados em Questões Económicas do que nos sagrados direitos do Povo Maubere.

Garanto-vos que a nossa resistência não terminará enquanto os nossos compatriotas continuarem dispostos a sofrer as repressões do bárbaro invasor e dispostos a morrer pela nossa Pátria.

Por mais que a Indonésia seja a maior potência no Sudeste Asiático, continuo a acreditar, como todos os meus compatriotas, que ela não é perene. Nunca na história dos povos, houve um império que nunca foi derrotado.

Nessa linha de pensamento, afirmo com confiança a esperança de que o povo Maubere – o Povo de Timor-Leste – há-de alcançar o seu objectivo sagrado – A Independência Nacional!

Renato, renovando a minha profunda GRATIDÃO!